

Entrevista com o Professor Pierre Dansereau*

GEOSUL - É um prazer poder entrevistar o professor Dansereau, para a Revista Geosul, devido principalmente a importância do seu trabalho para a biogeografia. Essas entrevistas procuram resgatar a trajetória da Geografia e das Ciências afins. Inicialmente gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre os principais fatos da sua infância, a sua juventude.

DANSEREAU - Eu nasci há 87 anos em Montreal, numa família burguesa. Estudei na Escola dos Jesuítas, oito anos de purgatório, depois formei-me na Faculdade de Agronomia da Universidade de Montreal, dirigida pelos padres trapistas, uma faculdade muito fora da cidade, num ambiente monacal, muito agradável. Depois estudei na Europa, especialmente na França e na Suíça, e o doutoramento na Universidade de Genebra, na Suíça. De regresso ao Canadá trabalhei com o Frei Marie Victorin, um grande botânico, que me orientou na ciência, na horticultura, mas sobretudo na ciência pura e não na agronomia. Trabalhei então no Jardim Botânico, que foi fundado em 1936, estávamos no fim de 39, na véspera da guerra mundial. Trabalhei lá durante vários anos, depois fui na Universidade de Montreal, na Universidade de Michigan, outra vez em Montreal, como decano da Faculdade de Ciência. Uma decisão muito errada, porque não tenho disposições para administração nenhuma. Não gosto da burocracia que necessariamente faz parte das funções de um decano. Mas neste período consegui fazer pesquisas, sobre a vegetação natural, a vegetação na ausência do homem, em áreas preservadas, ainda não

* Entrevista realizada em outubro de 1998, no Departamento de Geociências com a participação dos professores Maria Dolores Bus, Sandra Maria de Arruda Furtado, Luiz Fernando Scheibe, Ângela da Veiga Beltrame, Mariléa Martins Leal Caruso, Paulo Henrique Freire Vieira, Maike Hering de Queiróz com a participação especial de Daniel Garneau e Jean-Guy Vaillancourt.

modificadas pelo homem. Neste período vim para o Brasil, em 45/46, e minha estadia aqui foi um dos acontecimentos mais significativos de minha carreira, sem dúvida. Encontrei aqui estudantes de Biologia e de Geografia que trabalhavam comigo no ambiente do Conselho Nacional de Geografia. O Conselho Nacional de Geografia era um centro de pesquisas, um centro de intercâmbio formidável; me encontrava ao lado daqueles loucos, que estavam procurando o Centro Geográfico do Brasil, para criar uma nova cidade, para o desespero dos diplomatas que gostavam do Rio de Janeiro e não queriam o sertão. Não participei realmente nesta inovação, mas estava lá, testemunha da imaginação dos brasileiros que não se incomodavam de pensar coisas impensáveis e de planejar o futuro. Era uma coisa formidável, porque no meu país estávamos com preocupações um pouco mais restritivas, proteger a língua, a religião. Não havia no Canadá esta projeção para o futuro. Stefan Zweig escreveu naquele tempo, em 1942, que o Brasil, era a terra do amanhã. De maneira que isto me deu uma motivação para pesquisa acompanhada por estudantes. Dois deles apareceram esta semana em Belo Horizonte, na homenagem que me foi consagrada, a professora Dora Romariz e o professor Edgar Kuhlmann. Eram naquele tempo muito mocinhos. O Kuhlmann até passou um ano no Canadá comigo. Aqui havia um clima interessante com o professor Ruellan, e me juntei nas suas excursões. Em seguida a minha carreira me levou a Nova York, onde fui nos anos 60 assistente diretor do Jardim Botânico de Nova York e, ao mesmo tempo, professor na Universidade de Colúmbia. Na Universidade de Colúmbia se passavam coisas muito interessantes, análogas ao que aconteceu em 68 na França, movimento de protesto dos jovens contra a estagnação da civilização capitalista, o que eu estava bem de acordo. Haviam outros de meus estudantes da Colúmbia, que estavam completamente preocupados com os estudos e não tinham muitas idéias sociais, políticas, mesmo religiosas, mas em 65, 67, este movimento chegou a quebrar as especializações mais restritivas. De maneira que foi uma ocasião. Naquele tempo, os biólogos, e eu sou de formação biológica, estavam preocupados com as grandes descobertas da biologia molecular, que são naturalmente grandes

descobertas, monopolizavam a energia, o interesse e o dinheiro. E estávamos no início do reconhecimento da crise do ambiente, mesmo General Motors havia concedido que Rachel Carson não estava completamente errada com seus ideais da “primavera ser silenciosa”. De maneira que havia uma solicitação da sociedade para os cientistas, de tomar conta da poluição, da criminalidade que são intimamente ligadas e estávamos, lá em Nova York num dos centros mais poderosos do planeta, podíamos nós ecologistas transferir nossos conhecimentos, transferi-los à situação social. Poderia se pensar numa ecologia humana que seja paralela, que seja derivada do que nós conhecemos, do comportamento das plantas, dos animais, vivendo no estado chamado natural. Será que a idéia do ecossistema, pode aplicar-se a uma casa, a uma cidade, ao habitat do homem? Estávamos pensando desta maneira e organizei um colóquio, em 1968, intitulado: “Challenge for Survival”. O desafio para a sobrevivência consistia em reunir ecologistas, biólogos, geógrafos, com os representantes da indústria, do governo, os que tinham a capacidade de mudar a utilização dos recursos naturais e, não somente dos recursos naturais mas também, dos chamados recursos humanos. Havia um grupo de senhoras, senhora Rockefeller e outras grandes damas, que gostavam muito de dar dinheiro ao jardim botânico para mais estudos de flores, bonitas publicações, bem ilustradas, em cores. Encontrei com elas e fiz a sugestão de talvez, já que estávamos num estado de crise e que apesar do jardim estar dedicado às plantas, haviam também animais, seres humanos que estavam sofrendo muito com a poluição e a miséria, nas grandes cidades. O professor Gottmann, um grande geógrafo, que estava ensinando em Cambridge, havia publicado seu livro sobre a megalópole, que vai de Washington, Filadelfia, a Nova York e Boston, o maior complexo urbano da parte atlântica dos Estados Unidos. Então propuz um experimento, uma síntese de água, solo e ar, em megalópole, chamando então os cientistas para falar e estabelecer um intercâmbio, uma conversa. Qual é o estado da água, do solo? Os responsáveis da ciência, falavam com os que decidiam, o que resultou num livro: era uma espécie de aplicação de princípios ecológicos. Áreas profundamente modificadas, bem conhecidas

que apresentavam aspectos de transporte, de educação, do governo local, a problemática da gestão dos espaços urbanos, tudo esteve presente nesse simpósio, mas não foi o único que continha essas idéias. Os colaboradores, entre outros René Dubos e que era da Universidade Rockefeller, Nova York. Naquele período, o professor Frank Fraser Darling organizou em 65 um simpósio notável que realmente chegou à publicação, a ser uma espécie de textos de referências intitulado “Future environments of North America”. Particpei deste simpósio, com uma contribuição intitulada, “Aplicação da ecologia humana: o manejo do espaço”. Logo depois, em 68, regressei para o Canadá e, fui convocado a dirigir uma pesquisa ecológica numa área muito grande, que havia sido expropriada pelo governo federal do Canadá para criar o novo aeroporto internacional de Montreal. Então, se tratava de propor um modelo que permitiria uma interação interdisciplinar, não somente multidisciplinar. A criação do aeroporto Kennedy em Nova York, havia sido precedido por trabalhos multidisciplinares: os geólogos, os geógrafos, os botânicos, os ornitólogos, iam separadamente e faziam uma síntese mais ou menos aceitável. Ao passo que eu havia imaginado, em uma pré coordenação das tarefas de cada uma das equipes que iam estudar o solo, a vegetação, a vida animal, os investimentos variados da agricultura, da indústria, dos transportes e finalmente, a resposta humana na psicologia e psiquiatria das pessoas, diante do fenômeno do choque ecológico da criação, da expropriação massiva, da inauguração do próprio aeroporto. Isso parecia muito grave. Então trabalhamos. Não vou contar esta história toda plena de fracassos, mais foi muito instrutiva. De maneira que naquele tempo eu trabalhei cada vez mais em ecologia humana, aplicações de princípios já adquiridos no estudo das plantas, dos animais vivendo fora da influência humana, como é quando plantas, animais e o próprio homem vivem em espaços modificados. Modificados como? quais eram os critérios significativos para fazer um melhor inventário de ocupação dos espaços? Nós tínhamos, no Canadá, um sistema do governo federal para elaborar os mapas chamados de utilização do solo. Isto foi criado na Grã-Bretanha durante a guerra, pelo ilustre geógrafo Dudley Stamp.

Esta obra é realmente uma coisa imensa e eu encontrei várias vezes com ele, tive o privilégio de trabalhar com ele no Canadá. Portanto este sistema que a União Geográfica Internacional havia adotado, havia oficializado, me parecia carecer de várias dimensões. O sistema de cores que haviam aceitado era baseado unicamente na facilidade de ler os mapas; as cores não tinham significação própria. Então eu pensava naquele tempo em que havia trabalhado com a UNESCO em Paris e na Finlândia, sobre um esquema sobre a escalada da tomada do poder humano e os efeitos sobre os espaços ocupados pelo homem. Já na minha “Biogeografia” que foi publicada em 57, com um prelúdio aqui no Brasil em 47/49, esta idéia de escalada de progressão do poder do homem, o gasto de energia cada vez maior, me levou a propor um sistema de classificação e de projeção geográfica, em que as cores seguiam o progresso do azul ao violeta, em progressão cada vez maior em função do gasto de energia. Então trabalhei muito na elaboração do sistema. Mais tarde, contei com a ajuda de meu colaborador Daniel Garneau, que fez sua tese de mestrado, utilizando esta classificação. Se trata então da planta, da justaposição num mosaico dos diferentes espaços, do estado indígena ou que na leitura da paisagem nos dava a aparência que estava natural, do que era agrícola, de caça e pesca, industrial, urbano ou cibernético. De maneira que se podia qualificar e eventualmente quantificar. Qual era a importância do transporte na agricultura, etc. Responder eventualmente a pergunta qual é o poder, a diversidade, a harmonia, e o que é harmonia. Uma cidade que não tem plantações, não tem resíduos, não tem visibilidade do processo agrícola. Certos lugares como Aragon na Espanha são minerais, tem pouca persistência da vegetação. Quanto aos bairros de uma cidade, qual é a diversidade das necessidades que podem ser encontradas? Por exemplo, o bairro onde eu morava naquele tempo, magnífico bairro residencial, não tinha comércio, nem serviços, somente jardim, agricultura, residências e nada mais. Outros bairros tinham uma variedade absolutamente enorme de todos os serviços, respondendo as necessidades de comida, de recreação, de educação, de religião, de comunicação, etc. De maneira que esta proposição de um sistema de representação que

permite uma leitura geográfica, uma leitura ecológica, e isto nós estamos ainda trabalhando, para qualificar e eventualmente quantificar a resposta do homem, então propus um modelo partilhado, o bolo do ambiente. Qual é o acesso da população de tal cidade, tal espaço? Quais são as satisfações fisiológicas, psicológicas, sociológicas, econômicas, políticas e éticas? Quais são as satisfações? São acessíveis os mesmos recursos da respiração, da comida, da educação? Imaginamos uns diagramas onde se pode perceber as diferenças entre a cidade de Calcutá e a cidade de Montreal. A privação de quase todos os recursos em Calcutá aparecem no diagrama com uma concentração no meio do bolo, ao passo que em Montreal a satisfação é muito maior. A UNESCO me pediu para apresentar naquele tempo uma classificação dos estabelecimentos novos, para ser apresentado no grande Congresso de Vancouver em 76. Eu utilizei as várias pesquisas que acabo de escrever quer dizer, o enquadramento maior em localidades, espaços dominados ainda selvagens, indígenas, ou então já modificados pela caça e pesca, ou então pela agricultura, industrialização, urbanização. E quais são as características dos estabelecimentos humanos desenvolvidos em cada um desses espaços ecologicamente diferentes e estruturados na escala do progresso do homem sobre o planeta? Quais são os poderes, quais as concentrações, quais são as diversidades, quais são os modos de vida? Podia se situar em um quadro de categorias, poderia haver mais, poderia haver menos, era apenas uma tentativa de orientar o pensamento dos geógrafos e de outros que estão preocupados em estabelecer um quadro maior para as pesquisas, os trabalhos dos estudantes de mestrado e doutorado. Trabalhamos nisso de várias maneiras, eu cheguei a orientar umas 60 teses de doutoramento e de mestrado, na Universidade de Quebec em Montreal, onde estou desde 71. Estudantes eram de várias partes do mundo. Viajei muito e me impressionou muito o Brasil. Fui freqüentemente a Portugal e a maneira de falar dos portugueses me espantou muito, durante os primeiros dias; foi um pouco difícil de entender, a maior satisfação ocorreu quando um português me disse: “o senhor é brasileiro?” “sim eu sou carioca”.

GEOSUL - Professor Dansereau: Na literatura brasileira são muito poucos. Os manuais de biogeografia por isso seu trabalho de 1949 tem muito valor, porque o aluno de graduação não lê outra língua, só eventualmente o espanhol. Mas o que se tem hoje em termos de metodologia para trabalhos de campo é praticamente nada. É tudo voltado para trabalhos com a florística, com levantamento de espécie. A geografia trabalha muito a nível de fisionomia, mas nos falta metodologia. O que o senhor teria para contribuir nesse sentido?

DANSEREAU - Fisionomia é importantíssimo, não falei anteriormente na minha contribuição à fisionomia, já que comecei minha aprendizagem de ecologia com o Dr. Braun Blanquet na França. A ecologia estava completamente fora das universidades européias, sobretudo na França não se falava em ecologia. O Dr. Braun Blanquet trabalhava em Montpellier em seu instituto, a Estação Internacional de Geobotânica Mediterrânea e Alpina. Ultrapassava o Mediterrâneo e os Alpes, porque havia discípulos em várias partes do mundo. O sistema dele me serviu muito nos primeiros trabalhos sobre os bosques do sul do Quebec. Mas faltava o elemento estrutural. Se dava importância à composição das unidades de vegetação e pouca importância à estrutura. Quando chegou o programa biológico internacional, seguido do Ano Geofísico Internacional, o tema foi: produtividade da vegetação. O sistema do Braun dava importância excessiva para a composição, chegava a juntar em um único espaço ocupado com várias plantas pequenas, com presença, ou ausência do pinheiro. Isto me parecia inaceitável, e que a energia consumida e produzida por uma massa vegetal completamente diferente, conforme a estrutura é retomada por plantas herbáceas, arbustos, árvores e etc. De maneira que eu trabalhei muito para restabelecer um sistema internacional ligado com as condições ecológicas. Quando muito se discutia para as florestas. Mas no início quem sabe o que é uma árvore? Um planta lenhosa, grande, 5, 6, 7, 8 ou 10 metros? Estamos no domínio de uma metodologia de consensos, metodologia arbitrária, segundo o que se acredita que as árvores tem que ter de 8, 10, ou mais de 15 metros, o mapa da vegetação das florestas do mundo vai ser completamente diferente. O que é

uma floresta, o que é uma savana? Uma floresta, tida como com árvores grandes, com mais de 60% de cobertura? Isto se encontra em climas secos, úmidos, frios? Quais são as correlações das florestas, independente que sejam de carvalhos, de eucaliptos, ou de qualquer composição. Já se sabia que em países mediterrâneos, onde o clima é seco no verão é úmido no inverno, ocorre a resposta da vegetação na forma de uma floresta com árvores não muito altas, com folhas persistentes, mais ou menos espinhosas. Isto foi verificado no Mediterrâneo, na Califórnia, no Chile, na África do Sul e no sul da Austrália. Conheço bem o sistema do Dr. Rübél, ele propõe um sistema de classificação conforme as protoformações. Me parecia útil traçar fronteiras, e evidentemente artificiais, mas para que houvesse uma possibilidade de aplicação em várias partes do mundo, independente dos condicionantes, uma parte dominada pelo frio, outra pela seca, outra pelo excesso de umidade. Temos que estabelecer, o caráter da estrutura vegetal, em termos puramente estruturais e não identificação botânica; o clima em termos meteorológicos. O vocabulário da climatologia é hipotético, se fala em floresta pluvial, se fala em deserto frio, já há uma pré-correlação. Talvez seria desejável esquecer todas estas pre-correlações e ter um vocabulário mais objetivo e que seja anterior a toda correlação. Trabalhamos neste assunto tentando olhar separadamente para cada um dos parâmetros na intenção de estabelecer relações, causas e conseqüências. Isto não é nada fácil.

GEOSUL - Professor, sendo sua formação básica a biologia, quando entra a geografia na sua vida?

DANSEREAU - A gente não nasce geógrafo, minha percepção geográfica é na origem, puramente poética. Quando muito novo, ia para o campo com meus pais, na idade de 5 ou 6 anos, e estava cheio de admiração e desejo por florestas, mar. Daniel pode ser testemunho que quando vejo ainda hoje uma água, vou me despindo e mergulhando; gosto de tocar as plantas, as folhas, os musgos ou mesmo os animais. Mas quando se vai para baixo São Lourenço, no Canadá, já é frio demais, não permite o cultivo do milho. Porque uma das grandes descobertas, do homem, é o cultivo, o milho na América, o trigo na Europa, o arroz no Oriente. Esta leitura que é uma preocupação com a origem dos produtos e

dos bens de consumo, isto me acompanhou desde a primeira idade. E desde o início da minha carreira, trabalhei freqüentemente com os geógrafos, já citei o Ruellan, que me influenciou muito.

GEOSUL - Aqui no Brasil, quando o senhor esteve, além da Dora Romariz e o do professor Ruellan, quais os outros contatos?

DANSEREAU - Sim, trabalhei com eles, com os geógrafos do Conselho Nacional de Geografia, o Dr. Cristovão de Castro, me deu todas as facilidades para viajar, para trabalhar, foi de uma generosidade considerável. O Orlando Valverde, ele estava estudando na França no momento em que estava aqui. Eu participei do 1º Congresso Internacional de Geografia, em 1966.

GEOSUL - Esse Brasil pré Brasília que o senhor encontrou, fazendo comparação com o Canadá que estava preocupado com a língua, com a religião, e que aqui o senhor encontra um movimento de perspectiva para o futuro, com a criação de Brasília, o senhor notou alguma participação especial dos geógrafos, além dos arquitetos e dos políticos?

DANSEREAU - Acho uma lástima que desapareceu o Conselho Nacional de Geografia. Ultimamente a demografia, não digo que não seja importante, mas a abertura dos geógrafos que fundaram e que dirigiram o Conselho Nacional de Geografia dos anos 40, 50 e 60, foi importantíssima. Uma realização formidável foi o Projeto RADAMBRASIL, uma obra que não tem nada igual em qualquer outro país. Um dos meus alunos, o Henrique Pimenta Veloso, trabalhou no RADAM e me ajudou muito, com pesquisas muito boas. O seu trabalho sobre a floresta de Ilhéus, um trabalho pioneiro aqui no Brasil, pioneiro no mundo tropical. O Projeto RADAM, começou no norte e ia progredindo para o sul, mas infelizmente ficou inacabado. Se poderia pensar que era mais importante fazer primeiro um inventário detalhado no Rio de Janeiro, em São Paulo, nos centros de poder mais importantes do que uma experiência na parte mais úmida, quer dizer, o Amazonas. Ou na parte mais seca, no serrado ou no sul, na parte de pradaria do Rio Grande do Sul, que é completamente diferente de tudo o que existe no território brasileiro. Não fizeram isso de modo racional. Isso é apenas uma crítica, mas a atitude, a abertura sobre a ocupação dos espaços na obra do RADAM Brasil, foi uma coisa

formidável, não sei se as universidades aproveitam muito pedagogicamente do trabalho do RADAM. Espero que sejam realmente explorados.

GEOSUL - Professor nós temos em Santa Catarina, o Padre Raulino Reitz e o Professor Roberto Klein, eles chegaram a trabalhar diretamente com o senhor?

DANSEREAU - Foram correspondentes meus durante anos, eles fizeram um trabalho formidável, muito bom. Nunca nos encontramos. Só por cartas, correspondências de intercâmbio de publicações.

GEOSUL - Porque nos trabalhos deles, aparece uma referência muito forte ao seu como modelo e inspiração.

DANSEREAU - Em vários dos meus trabalhos aparecem referências deles, também. Porque estávamos caminhando no mesmo rumo. É uma lástima que não estão conosco hoje.

GEOSUL - A professora Maike Hering que é bióloga, e trabalhou principalmente com Roberto Klein, me falou que ele se considerava quase como um discípulo seu, mas estou vendo que eram colegas efetivamente. O professor Ademir Reis também trabalhou com o Klein e atualmente esta mantendo o Herbário Barbosa Rodrigues em Itajaí, que está agora ligado com a nossa universidade. E a outra questão interessante é que a professora Dolores trabalhou muitos anos no Radam Brasil, assim outros colegas nossos também.

GEOSUL - Gostaria de explorar um pouco sua passagem da ecologia humana para o ecodesenvolvimento. Saber um pouco das implicações políticas da sua proposta, de uma perspectiva ecológica, sobre a sua maneira de caracterizar o termo ecodesenvolvimento, e de avaliá-lo seis anos após a Conferência do Rio de Janeiro, em 92. Como é que o senhor encara os grandes conflitos norte-sul, nesse processo de se aplicar uma nova visão do desenvolvimento, da relação sociedade-ambiente? Onde é que estariam os grandes obstáculos a uma mudança de projeto de sociedade?

DANSEREAU - Para realizar as propostas dos ecólogos sobre o ecodesenvolvimento, ecodécisão, desenvolvimento durável, sustentável, não são exatamente a mesma coisa, me parece uma

conversa cada vez mais objetiva entre os que decidem e os que tem os conhecimentos básicos. Estou pensando não somente nos ecólogos que são na maioria de formação biológica, mas também nos sociólogos, como nosso amigo Paulo Freire Vieira, com dimensões sociológicas reexaminadas na luz de uma filosofia mais ecológica. Está ficando cada vez mais clara, a resposta do que estava nos anos 60. As proposições dos sociólogos, nos anos 60, foi em direção a um caminho mais penetrativo nas ciências naturais, enquanto que os naturalistas, os biólogos estavam parados na contemplação das últimas partículas da matéria viva. Era uma descoberta enorme e tinha que esgotá-la. Agora caminhamos em outra direção. Atualmente houve bastante contatos, intercâmbios entre as ciências humanas e as ciências naturais para que as reformulações da problemática cheguem a ser acessível aos chefes de indústria, agentes que estão no poder da decisão.

GEOSUL - Nesses tempos de imagens de satélites, todo um aporte de documentação, visual gostaria que o senhor falasse da importância do trabalho de campo. Porque o senhor pertence a uma geração, como os professores Orlando Valverde, Aziz Ab'Saber, Roberto Klein, que são outros cientistas de modo geral, com mais de 70 anos e que a gente chamaria aquela geração que conheceu o território, percorreu o país. E agora temos uma geração que é de laboratório, que fica nos escritórios. É nesse sentido que gostaria que o senhor resgatasse a importância dos dois, mas principalmente a importância do trabalho de campo.

DANSEREAU - Me parece mais importante do que nunca o trabalho de campo. Começa com os meninos que estão jogando com o computador, jogando com um coelho, com uma tartaruga, com vários animais. Nunca sabendo o que é uma tartaruga, o que é um coelho, tratando, como símbolos, como coisas, alusões diretas ou indiretas à realidade. São abstrações; é a falta de tocar, de sentir, de gostar. A ausência de elementos sensoriais, me parece muito perigoso pedagogicamente. Agora existem outras dimensões. As formulações, as simulações. Viver exclusivamente de simulações, quando eu era pequeno não era aceitável, simulação era punida. Mas a presença conjunta de pesquisadores no espaço

que está sendo analisado e interpretado, me parece indispensável. Um milionário havia dado à Universidade de Colorado, um laboratório de campo, situado nas montanhas rochosas. Havia poucos botânicos que estavam trabalhando lá estudando a vegetação alpina, com os poucos recursos que o tal milionário dava para melhorar, construir. Mas a política de pesquisa da universidade estava orientada à biologia molecular, assim como em muitas outras universidades. E fui convidado para ir lá quando estava em Nova York, no Jardim Botânico. Fiz uma palestra que foi publicada sobre os cientistas de pés descalços, tratando do contato, sobretudo da relação que existe entre o pesquisador e os estudantes, a participação nas chuvas, no frio, dos mosquitos, o banho nos lagos, todos os benefícios e adversidades do meio. Como é que a gente vai entender qual é o poder da aprendizagem, como é que vai identificar-se com a problemática, se não for do campo. Um dos meus estudantes, fez uma tese sobre os peixes de uma região perto de Montreal, e não coletou nenhuma informação, ele mesmo, não mergulhou na água, não contou o número de peixes. Mas pegou dados já colhidos por outros pesquisadores, por outras pessoas, com outras preocupações e reinterpreto. Eu fiquei horrorizado, por isso, não tive a orientação direta do trabalho dele, por que eu nunca teria aceitado esta metodologia.

GEOSUL - Professor Dansereau agradecemos a entrevista que foi realmente uma conferência maravilhosa, uma contribuição importantíssima para todos nós e para todos os nossos alunos também. Temos certeza que esta entrevista será mais uma das que farão sucesso na nossa revista. Muito obrigado professor.